

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade

Jussara Isabel da Silva

**A TEORIA SOCIAL CLÁSSICA EM MARX E SUA CRÍTICA A
MODERNIDADE**

Juiz de Fora

2017

Jussara Isabel da Silva

**A TEORIA SOCIAL CLÁSSICA EM MARX E SUA CRÍTICA A
MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade. Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Orientador: Joacir Teixeira Melo

Juiz de Fora

2017

Jussara Isabel da Silva

**A TEORIA SOCIAL CLÁSSICA EM MARX E SUA CRÍTICA A
MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade. Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Joacir Teixeira Melo (Orientador)

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que propiciou força e disposição para o êxito em mais esta etapa.

Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo de sempre, certamente sem esse não chegaria até aqui.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, a seu magnífico corpo docente que oportunizaram abertura para um horizonte superior tendo em vista planejamento ético na construção enquanto base para formação e aquisição de conhecimento orientando e dando suporte para construção deste trabalho.

E àqueles de forma direta ou indireta deram sua contribuição no processo de minha formação.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO:	8
2- BREVE BIBLIOGRAFIA DE MARX:	10
3- DIALÉTICA E HISTÓRIA EM MARX:	14
3.1- SOCIEDADE PARA MARX.....	14
3.2- MÉTODO DIALÉTICO EM MARX.....	14
3.3- MODO DE PRODUÇÃO.....	15
4- CONCEPÇÃO MARXISTA DE IDEOLOGIA.....	17
4.1- IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA.....	17
4.2- IDEOLOGIA E LINGUAGEM.....	22
5- A CRÍTICA DA ALIENAÇÃO	25
5.1- ALIENAÇÃO INDIVIDUAL.....	25
5.2- ALIENAÇÃO EM MEIO SOCIAL.....	27
5.3- PRODUÇÃO ALIENADA.....	30
6- A RESPEITO DA SOCIEDADE MODERNA.....	36
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

RESUMO

A teoria desenvolvida na então pesquisa se presta a observar e descrever as questões trabalhadas por Marx em sua teoria social onde se identifica a propriedade privada meio ao qual se reforça a relação de exploração por parte da burguesia, classe essa detentora dos meios de produção que vive da exploração do trabalhador via exploração do capital o que só evidencia os antagonismos de classe em uma história marcada pela dominação. Para atingir seus propósitos, o texto apresenta subdivisões esclarecendo traços da teoria social em Marx suas implicações e crítica acerca da modernidade.

Palavras chave: Sociedade, Alienação, Ideologia, dominação.

ABSTRACT

The theory developed in the research then lends itself to observing and describing the questions worked by Marx in his social theory where private property is identified, through which the relation of exploitation on the part of the bourgeoisie is reinforced, a class that holds the means of production that lives Of the exploitation of the worker through exploitation of capital which only shows the antagonisms of class in a history marked by domination. To achieve its purposes, the text presents subdivisions clarifying traces of Marx's social theory its implications and critique of modernity.

Keywords: Society, Alienation, Ideology, domination.

1- INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade mostrar de forma simplificada as relações sociais no mundo contemporâneo dando ênfase às implicações da teoria social clássica de Karl Marx, relações essas entre os detentores dos meios de produções e os trabalhadores de modo a esclarecer a maneira como essas relações de exploração surgiam e como elas se estabelecem na atualidade com a intensificação do processo da mais-valia em prol dos lucros no processo de modo produção Capitalista. Dando ênfase a conceitos como o de alienação e ideologia que são fundamentais para uma leitura do mundo do Capitalismo.

O burguês desempenha o papel de detentor dos meios de produção onde o trabalhador é um meio não um fim em si mesmo. O presente estudo se baseia então na teoria Marxista objetivando estabelecer uma visão das relações sociais trabalhada na obra de Marx em “A Ideologia Alemã” de modo a analisar conceitos como modo de produção, consumo e trabalho sob a perspectiva da teoria Marxista.

Posteriormente através das relações estabelecidas no mundo do trabalho é possível por meio das condições de alienação mostrar como são desencadeadas, onde a alienação se torna teoria para explicar esse processo.

Tendo em vista a importância do legado que nos deixa essas teorias no que tange a questão da Ideologia expressa nas relações sociais onde o indivíduo se mantém alienado. A presente pesquisa firma-se em mostrar o modo como se dão condições no modo de produção onde o trabalhador sofre opressão do empregador vivendo preso aos abusos cometidos tendo em vista que os mantém em condições de alienação.

Para Marx a linguagem é uma das formas mais importantes a serem pensadas, já que, através da mesma é possível ao sistema opressor difundir suas ideias. A linguagem mostra-se um fator que legitima o burguês a sua condição de detentor do poder e das condições inerentes ao processo de alienação do sujeito enquanto é explorado em meio propício as essas condições que é o modo capitalista de produção. A linguagem é o instrumento onde o sujeito se mantém em condição de alienação ficando preso às ideologias.

Uma das questões a serem expostas na então pesquisa e de suma importância para Marx é relação que se estabelece entre o trabalhador que vive tão somente para desempenhar sua função de explorado e o burguês que enriquece cada vez mais já sua meta é o lucro.

Nesse processo como será exposto, o homem se torna um mero objeto para obtenção de lucro transferindo sua humanidade as máquinas que desempenham o papel de produtoras de lucro. Assim sendo, fica evidenciado que se trata de um processo de exploração capaz de condicionar ao homem uma condição inumana ou mero objeto servindo apenas para transferir sua capacidade de desempenhar funções.

2- BREVE BIBLIOGRAFIA DE MARX

O Filósofo Karl Marx foi mais que um visionário, sendo um revolucionário até então muito trabalhado. Nasceu em 5 de maio de 1818 em Treves. Renânia, província da Prússia local onde desempenhou papel importante culturalmente sendo que o mesmo embebia de posições favoráveis ao liberalismo revolucionário advindo da França e também pela reação do Antigo Regime.

Tomando por base o contexto histórico em que está inserido e a pertinência de seu pensamento, Karl Marx está inserido entre os filósofos mais importantes para a história ocidental por desenvolver sua teoria mediante as circunstâncias da realidade vigente trabalhando com empenho na difusão de seu pensamento de forma que essa se desse de maneira ampla e acessível a todos principalmente a classe desfavorecida onde abre-se espaço para pesar suas teorias sociais em detrimento do pensamento das classes dominantes. Tendo sua origem de uma família judaico-alemã, foi batizado em uma igreja protestante, filho de Henriette Presburg sua mãe, advinda de uma família judia, não influenciando em nada a doutrina que seu filho segue e seu pai Hirschel, advogado muito bem sucedido.

Marx foi um bom aluno permaneceu em sua cidade natal até o término dos estudos iniciais posteriormente estudou nas Universidades de Bonn e Berlin, onde passa a demonstrar interesse pelos estudos hegelianos e desenvolve muitas críticas ao então autor idealista que legitimava a ordem social e política da época. Marx é opositor a essa teoria hegeliana, até aceita essa dialética, no entanto, inverte os termos da mesma objetivando dar lugar ao idealismo o materialismo dialético e conseqüentemente o materialismo histórico em lugar do idealismo histórico. Sendo que para Hegel a classe burguesa desempenhava papel importante no desenvolvimento histórico social, já Marx defendia a classe proletária como meio de difusão do desenvolvimento industrial, colocando essa classe como fonte fundamental de revolução e possíveis transformações. No retorno a sua cidade conhece Jenny Von Westphalen que posteriormente vem a ser sua esposa, mas esse romance não se dá de maneira simplificada pelo fato de serem de famílias com níveis sociais discrepantes.

O fato de Marx defender ideias Igualitárias o faz sofrer perseguições que o prejudicam no decorrer de sua trajetória. Ao torna-se professor no ano de 1841, é limitado a não desenvolver suas ideias, surge então o interesse por jornais onde escreve um artigo sobre a censura á imprensa, no entanto o mesmo é censurado. Posteriormente, Marx é aceito no Jornal “A Gazeta Renana” na cidade de Colônia onde obtém o título de diretor do jornal pelo empreendimento e sucesso de seus escritos.

Publica os “Anais-Franco-Alemães”, no ano de 1844, que fez como que Marx fosse perseguido pela Prússia e pelos estados Alemães formando forte oposição por meio doas órgãos policiais contra essa revista. Diante das circunstâncias muda-se para Paris, onde foi possível observar o perecimento da classe dos operários, as dificuldades por eles enfrentadas e mesmo a miséria que tomava espaço.

Marx vê então a necessidade de se envolver na luta social em prol da imensa massa social proletária vigente naquele lugar. Envolvido no movimento dos operários franceses naquele ambiente reencontra seu amigo e apoiador Friedrich Engels. Marx passa por um momento difícil financeiramente tendo em vista que o salário pago pela revista Vorwhats não eram suficientes para suprir suas necessidades no então momento. Marx dedica-se a entender os historiadores franceses após seu contato e suas percepções diante dos lugares históricos da Revolução Francesa. Atenta-se então questão em que ele acompanha, para a luta de classes onde uma classe é desprovida de direitos. Surge na visão de Marx a uma necessidade de uma legitimação da revolução histórica que é a luta de classes colocando o proletário como fonte da mudança.

A primeira obra de Marx foi “A Miséria da Filosofia” com uma concepção materialista histórica da realidade. Grande parte de suas obras ajudou a população daquela época. Obras como “A Questão Judaica” e “ Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel” fundando-se em detrimento de uma crítica do Estado real.

Participa da liga dos comunistas, também de uma cooperativa de artesãos chamada liga dos justos ocupando-se da política vai para um congresso entrelaçado ás questões pertinentes tratadas na liga com uma visão que busque findar a propriedade privada para enfatizar o Comunismo. Marx e Engels escreveram a obra Manifesto Comunista, obra celebre onde desenvolve uma crítica ao capitalismo e dá ênfase a questão da alienação com o objetivo de unir os operários em defesa dessa causa para uma melhora na condição de vida desses.

Autores como Marx, Saint-Simon, Fourier e Proudhon são autores importantes para pensar questões inerentes às correntes socialistas. Marx prima por um pensamento

que se propunha a mudar a situação do proletariado já que essa se encontrava engajada na pobreza e miséria ao passo que a burguesia tomava a cada vez mais poder e ascensão. O desejo da classe desfavorecida era de uma modificação do quadro social e a Marx é dado o empreendimento em esclarecer o motivo pelo qual havia uma alienação da humanidade a ser superada por essa classe trabalhadora. Lança uma crítica contra o capitalismo para se dedicar a uma melhora na condição de vida da classe trabalhadora.

Em 1967 fora publicado além de O Capital, obras como ensaios e tratados sobre Política, História e Sociologia dando ênfase para: Os Manuscritos Econômico-Filosóficos publicados em 1930 onde se marca o trabalho alienado no cenário Capitalista, Manifesto do Partido Comunista 1848, Miséria da Filosofia, Contribuindo para a Crítica da Economia Política, Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, A Ideologia Alemã de Marx e Engels, obra dedicada a Feuerbach publicada em 1930, A Guerra Civil na França abordando a comuna de Paris de 1871, Crítica do Programa de Gotha, na obra Manuscritos Matemáticos tenta dar conta da formação dos preços e dos ajustes das taxas de lucro, ainda cunhou Contribuição a Crítica da Economia Política obra por ele acabada.

Criou em Londres, a Associação Internacional dos trabalhadores no ano de 1864, podendo publicar os textos por ele redigidos. Inevitavelmente Marx passa a ter uma perda do seu estado de saúde em seus últimos dez anos de vida por sofrer com distúrbios hepáticos. Sendo acometido por fortes dores de cabeça que desencadeavam em insônia. Consequentemente como o passar do tempo se agrava e se vê desengano pela medicina perdendo sua capacidade até mesmo para seus escritos de sua obra I e II de O Capital passando a dedicar-se a leitura tomando nota para seu amigo Friedrich Engels. Vindo a falecer então no dia 14 de março de 1883 na mesa de escritório em um casebre e que morava. Seu sepulcro ocorreu no cemitério de Londres, denominado Highgate, sendo feito fúnebre cortejo em uma ala para rejeitados da Igreja Anglicana. Após o avento da morte de seu amigo Engels se propôs a dar continuidade ao pensamento e executou a explanação e difusão do empreendimento deixado por Marx por todo o mundo.

À medida que o tempo passou houve uma conversão do pensamento de Marx ao Marxismo sendo caracterizado como movimento social ganhando características próprias que não passaram do campo econômico e político o que houvesse de inovação seria restringida pelo Estalinismo sendo somente cerceando a qualidade de seita

monolítica, que não é passível de questionamento, ressurgindo com uma nova roupagem de pensamento vivo depois da Segunda Guerra Mundial.

Mediante essa forma de pensamento os indivíduos enquanto proletários devem se libertar da alienação e opressão acordando do sono dogmático, das amarras via opressão capitalista. O empreendimento está em enxergar a realidade e como no decorrer da história da humanidade ela se reafirma com uma nova roupagem.

3- DIALÉTICA E HISTÓRIA EM MARX

3.1 - SOCIEDADE PARA MARX

O que fundamenta a teoria de Marx é a massa humana, parte de um pressuposto materialista dialético da história da humanidade com vistas a uma transformação social da realidade através de um processo histórico fazendo com que a modernidade se defina pela utopia em processo material de construção dessa realidade. Sua teoria visa articular pensamento e ação no processo de formação e desenvolvimento da sociedade.

A sociedade se conceitua pela reciprocidade dos indivíduos em prol do desenvolvimento de suas funções e forças produtivas, lutas sociais em meio a todo. O desenvolvimento das forças produtivas conseqüentemente segue a necessidade de produção de acordo com a demanda e isso se dá em um determinado momento histórico.

Marx nos diz de uma sociedade fundada em uma divisão de classes sociais. É nessa sociedade que se dão as relações de exploração de estranhamento onde os indivíduos seguem a lógica do modo de produção capitalista onde o que importa é o lucro advindo da exploração com a construção de forças políticas ideológicas em prol da classe dominante. Segundo Marx o proletariado vive tão somente para suprir as necessidades da classe dominante burguesa e promover o lucro.

3.2 - MÉTODO DIALÉTICO EM MARX

Marx parte de uma perspectiva de um método de dialética da história da humanidade, de um processo histórico material determinado via um processo do modo de produção manifesto via relações sociais. Trata-se de um processo marcado pela história das relações sociais determinadas a partir dessa interpretação dialética no curso da história.

A realidade é regida por um movimento histórico de contradição manifesto no modo de produção marcado por uma estruturação que independe da vontade dos indivíduos a esse processo vinculados que estão emersos no processo de formação da

sociedade. Sociedade essa marcada pela capacidade de manter o ordenamento almejado independente com o desejo e da consciência dos indivíduos envoltos nesse contexto social.

O poder de impor o que se queria é marca da dinâmica desse movimento burguês segundo Marx, dentro dessa sociedade o foco se mantém no modo de produção tendo em vista o lucro dentro do modo de produção capitalista.

O que importa para Marx é a questão material imersa dentro das relações sociais onde o homem não pensa sobre suas próprias relações o que o deixa em condição de alienamento frente a sua própria existência enquanto ser.

Era preciso o ser voltar-se para si mesmo, assim ele se desvelaria ou até mesmo desalienaria-se. Encontra-se imerso nesse processo dialético com a necessidade de pensar a própria trajetória, pensar acerca de si mesmo de modo crítico para enxergar e descobrir os meios aos quais pode procurar soluções para os problemas defrontados no processo de modo de produção através segundo Marx da tomada de consciência.

Em sociedade os homens estabelecem relações sociais em um meio onde os indivíduos estabelecem suas relações em classes fruto da propriedade privada e das condições estabelecidas no modo de produção.

3.3 - MODO DE PRODUÇÃO

Segundo Marx há uma interpelação entre quem produz e quem detém os meios inerentes a essa. Aqueles que se ocupam da vida material e aqueles que se ocupam da estrutura política e espiritual. Marx denomina modo de produção as relações que se dão socialmente na esfera da estrutura visando acumulação material.

Essas condições desencadeadas dentro desse processo exprimem questionamentos e uma ordem revolucionária com objetivo de transformações ao longo do processo histórico que na concepção de Marx estaria vinculado em forma de modo de produção comunal se aproximando do modo de produção escravista com vistas à exploração desenfreada.

A marca dessa sociedade estaria expressa por contradições e conflitos de cunho econômico e social. Contradições em relação aos avanços produtivos e estagnação no modo como seria executado o processo de produção.

Havia também contradições a nível econômico afetando o todo que compõe a sociedade, nível político e mesmo ideológico ao tentar compreender a história com os

indivíduos sociais envolvidos e suas relações com a totalidade indiferenciada. Já que, se trata de classes sociais marcadas pelo antagonismo em condições perfeitas a gerar conflitos e sentimentos revolucionários. Surgem então conflitos entre as classes sociais, entre classe dominada e classe dominante no decorrer do curso da história e sua estrutura econômica e a superestrutura segundo Marx.

A partir das relações estabelecidas no modo de produção surgem questões sociais e com elas as lutas das classes sociais. Determinada classe que desempenha o papel da produção em um ambiente onde estão expressas questões como consciência, relação do modo de produção, exploração, dominação. A classe detentora dos meios de produção mantém seu poder de dominação definindo a funcionalidade atribuída a cada membro.

4 - CONCEPÇÃO MARXISTA DE IDEOLOGIA

4.1- IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA

Marx conceitua o fenômeno da ideologia para mostrar as contradições presentes sociedade levando os indivíduos a criarem concepções ideológicas de consciência. A Ideologia se dá enquanto parte do processo no ocultamento da realidade, dando legitimidade a classe dominante, até mesmo imposta nas relações sociais como instrumentos ideológicos de imposição.

O Filósofo Italiano Antônio Gramsci concorda com Marx em alguns aspectos sobre a ideologia e possui um papel fundamental na contribuição para o pensamento do mesmo. A ideologia segundo Gramsci é algo mais evidente, é mais prático que ideal não entendida apenas como uma maneira de manipular e falsear trata-se de uma forma de ver o mundo que se mostra manifesta na ação a partir de uma organização em detrimento de uma experiência material. Neste O autor é fundamental na análise da Ideologia e a define como sendo: “uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1978 p. 16). Desse modo, nota-se que ideologia está mais ligada das questões políticas e as superestruturas.

No entanto, há na teoria de Antônio Gramsci alguns aspectos que se afastam um pouco do conceito de ideologia de Karl Marx, no pensamento de Gramsci ideologia é algo mais prático na realidade: “as ideias não nascem de outras ideias, que as filosofias não nascem de outras filosofias, mas são as expressões sempre renovadas do desenvolvimento histórico real” (GRAMSCI, 1978 p. 22). Assim sendo, é possível inferir que as visões de mundo não advêm de fatos isolados, mas sim vem de uma visão comunitária em que o coletivo expressa de melhor forma as visões em uma união com o todo, o que o autor chama de “ideologias orgânicas” aquilo que faz parte da realidade histórica com autonomia das ideias.

Segundo mesmo há uma necessidade do intelectual orgânico que é o dirigente, aquele que possui capacidade de influenciar sobre o pensamento pessoal e domina um conjunto de pensamentos a serviço de alguém. As ideologias são reveladas através de

todos os homens, principalmente os que têm menos condições intelectuais e essas ideologias são nos mostradas através de instituições sociais que possuem caráter formador da consciência como a religião e a escola que através suas concepções trabalham nas ciências em geral e por meios mais sofisticados como a filosofia.

A filosofia é retrata em tal patamar, pois ela permite uma maior universalização, ela permite uma difícil passagem do “momento puramente econômico (ou egoístico-passional) ao momento ético-político...” (GRAMSCI, 1978 p. 53). Por se tratar de conteúdos que vão formar a consciência do indivíduo, essa construção de massa não pode ser em torno de qualquer ideologia. São várias e contraditórias as ideologias inseridas em contextos distintos a depender dos contextos sociais empregados. Essas formas ideológicas estão firmadas nos diversos discursos ideológicos e se disseminam de modo conflituoso a depender de onde se insere.

Assim sendo, as ideologias “organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc” (GRAMSCI, 1978 p. 62). Para Gramsci o senso comum é quem possui as ideias, mas, de maneira desarticulada não é detentor de um pensamento expresso, uma vez que, preza pela falta de coerência e identidade. No caso da religião são duas as limitações o fato de a igreja possuir seus intelectuais, mas, os reprime mantendo um distanciamento entre fiéis e seus líderes que despojam de uma elevação da cultura dos mais simples que participam da igreja. Outra limitação é a crença no transcendente que permite abertura a levantar questões e críticas pelo fato de ser por si mesmo ilimitado.

As ideologias são um caminho fundamental para sociedade em sua vivencia com o todo. Seguindo o pensamento de Gramsci as ideologias “organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc” (GRAMSCI, 1978 p. 62). A ideologia é o alicerce para que a realidade se devolva, para que haja uma mudança ou manutenção da estrutura social é necessário que haja a “presença” de elementos ideológicos. Alguns grupos segundo Gramsci influenciam e são dotados do dom de dar apoio a algumas valorações na vida que vão influenciar os demais membros e mostram que:

[...] contrastes mais profundos de ordem histórico social. (...) significa que um grupo social, que tem uma concepção de mundo, sua, própria ainda que embrionária, que se manifesta na ação, (...) ocasionalmente, (...) tomou, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção na sua, por empréstimo de outro grupo. (1978, p.16)

É possível evidenciar que as várias ideologias dos vários períodos históricos representam a consciência em determinadas ordens, a organização através da qual as

classes se relacionam e se confrontam. Desta maneira trata-se de negar ou manter a forma dominante de organização dentro do contexto social. Esse conflito se revela em várias formas de ideologia.

A Filosofia como nos diz Gramsci é algo para todos os homens fazer, o que o mesmo chama de Filosofia Espontânea onde todos são filósofos e que a atividade filosófica, intelectual, cultural é acessível a todos, cabe a esse homem, através de seu nível de consciência, optar em participar de uma visão de mundo diferente, contrária aos seus interesses, subordinada a um projeto que não é o seu ou construir sua própria forma de ser e viver, de modo crítico, singular e consciente. Desta maneira todos os homens independentemente de suas profissões podem sim pensar diferente e tentarem ser pessoas que pensam e agem de maneira diferente tendo aceção de mundo e aceitar que estamos inseridos em grupos.

Marx procura mostrar que existem mecanismos onde essa ideologia opera como a naturalização que faz com que se torne próprio processo da natureza, parte de uma certeza de que sempre existiu e vai existir. O fato aparece como é e sempre esteve com um discurso onde os fenômenos ou fatos são ignorados historicamente são o que são independentemente da história, são retirados do contexto social e histórico.

Outro mecanismo é a universalização onde todo discurso ideológico tenta universalizar o que é determinado por uma classe social (moralidade, convenção, conceitos) como título de exemplo pode-se citar o conceito de trabalho. Os Burgueses se movem pelo trabalho onde universalizam valor através do conhecimento de que o trabalho é fundamental para classe dominada como dito anteriormente, como sendo, o que faz crescer na vida. Universalizam o conceito de família, conceito burguês (homem, mulher, criança/ único), questão de Gênero definição como masculino/ feminino, etc. parte-se da tentativa de se identificar com os valores sociais, de uma aceitação ideológica por meio da questão de aceitação social. A ideologia apela pela racionalidade da classe dominante, se apresenta como racional estratégia discursiva, onde se toma uma posição já que o conceito de razão é definido pelas classes sociais.

A Ideologia assim parte de uma igualdade formal de modo que para o burguês os valores doutrinários sejam produtos de crenças ideológicas que já está estava em construção em Marx e Engels, em A Ideologia Alemã, (1984, p. 72) da seguinte maneira:

As ideias ('Gedanken') da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem a sua

disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual.

A abstração é outro mecanismo onde a igualdade formal não leva contexto material dessa igualdade, abstrai-se da realidade concreta como no exemplo da frase de que “o trabalho dignifica o homem”, de reprodução das classes sociais. Como o determinismo onde cada um deve aceitar o destino, isso não é para você, com o discurso de que a hierarquia das classes sociais deve ser mantida, não passa, portanto, de um existencialismo onde o conceito burguês de liberdade possui um peso sobre todos, somos livres, mas, devemos arcar com nossas escolhas. A inversão da realidade é um mecanismo de operação da ideologia na relação entre pensamento e realidade, o pensamento é quem determina a realidade não o contrário.

A realidade é apenas produto das representações humanas, segundo Marx a realidade material se mostra mais importante, daí sua crítica, pois, o mundo material é fundamental, mas, as ideias também são. Há uma inversão da teoria/ prática com uma valorização da prática provinda da divisão social do trabalho. Para o burguês deve haver uma valorização do trabalho exploração do trabalho intelectual e manual em detrimento dessa divisão. O senso comum é, portanto, dominado pela classe dominante e para combater esse discurso é necessário saber como ele opera quais métodos utiliza. Para o filósofo alemão Marx não existe uma ideologia da classe trabalhadora. Segundo o mesmo em “A Ideologia Alemã”: (1998 P. 8).

O progresso consistia em subordinar também à esfera das representações religiosas ou teológicas as representações metafísicas, políticas, jurídicas, morais e outras, supostamente predominantes; ao mesmo tempo, proclamava-se a consciência política, jurídica e moral como consciência religiosa ou teológica, e o homem político jurídico e moral, o homem em última instância, como religioso.

Marx e Engels na obra “A ideologia alemã” nos dizem da ideologia como algo no campo das ideias, como representações de mundo e como uma maneira de falsear a consciência O trabalhador (proletariado) compartilha da ideologia burguesa possuindo como já dito um anseio por melhoria na condição de vida, um desejo de superação e ascensão, deseja ser um proprietário dos meios de produção, ai fica mascarada a espoliação do trabalhador que se mantém iludido pela ideologia das classes detentoras de poder e dominação como as igrejas, as escolas, a mídia e tudo o que produz discurso na sociedade. Esses autores trazem contribuições para se pensar essa questão na atualidade, podemos citar a título de exemplo o trabalho como uma relação contraditória ao mesmo tempo em que nega ao homem cria possibilidades para a emancipação social.

Está aí uma contradição que é colocada na sociabilidade com suas relações, tais relações no modo de produção carregam dentro de si uma alienação dentro do processo social de dominação e luta de classes que está nitidamente atrelada a ideologia. Em “Devaneios sobre a atualidade do Capital” Clóvis deixa elucidada de forma clara as prerrogativas de Marx: (2014, p. 95).

Marx inova ao mostrar que as coisas que passam pela nossa cabeça sobre como o mundo deveria ser - em termos de ideia de justiça, o que é certo e o que é errado – são inseparáveis da posição que ocupamos no mundo em termos de classe. É muito interessante você perceber que Marx está querendo mostrar que as ideias não se justificam por si próprias. Elas não se justificam por uma suposta veracidade, por uma suposta pertinência. É nisso que o pensamento marxista melhora o conhecimento da ideologia.

Marx em outras palavras nos diz que a ideologia dominante é legítima da classe que domina ao examinar a separação da sociedade em classes e dessa luta permanente, sendo os dominados apenas parte subordinada. Assim sendo “Aquela atividade na qual sua vontade subordina seu corpo para obter certo fim, o trabalho. O trabalho aparece, assim, como uma das expressões privilegiadas do homem como ser natural e espiritual”. Marilena Chuí em “O que é Ideologia” recorre às teses de Marx e Engels com o propósito de explicar o que é ideologia sob as perspectivas da divisão social do trabalho como quando diz: (1984, p.47).

[...] A história é história do modo real como os homens reais produzem suas condições reais de existência. É história do modo como se reproduzem a si mesmos (pelo consumo direto ou imediato dos bens naturais e pela procriação), como produzem e reproduzem suas relações com a natureza (pelo trabalho), do modo como produzem e reproduzem suas relações sociais (pela divisão social do trabalho e pela forma da propriedade, que constituem as formas das relações de produção). É também história do modo como os homens interpretam todas essas relações, seja numa interpretação imaginária, como a ideologia, seja numa interpretação real, pelo conhecimento da história que produziu ou produz tais relações.

Para Marilena Chauí, a base da ideologia é impedir que a dominação e a exploração se mostre perceptível em sua realidade. A ideologia é um mascaramento da realidade de dominação presente ao longo da história da humanidade onde o fenômeno da luta de classes é algo intrínseco a essa ideologia. Como título de exemplo pode ser citado um fenômeno da esfera social, no caso a política, instrumento que leva os indivíduos a aceitarem tal dominação por parte do estado. Os direitos do cidadão ficam distorcidos em relação aos interesses de quem está no poder. Através dos meios de comunicação como televisão, internet, rádio, jornais que são os meios usados com um

poder de persuasão onde são filtradas as informações e moldadas ao bel interesse de quem a dissemina, quem dita às regras é a classe que domina que não possui não nenhum rival a altura que possa combater mascaramento.

A ideologia é sem sombra de duvidas um fator presente nas relações e comportamentos que os seres humanos ao transmitirem suas ideias e crenças sempre de modo a favorecer a classe que dominadora que é quem determina o que é ou não bom em consonância com seus paradigmas burgueses que são impostos a classe dominada que se conforma e aceita ideologicamente.

4.2 - IDEOLOGIA E LINGUAGEM

A linguagem é um instrumento indispensável para se estabelecer relações entre os seres humanos, no entanto, pode se transformar em um instrumento de dominação. As pessoas estão inseridas em meio social onde estabelecem relações em meio à divisão social de classes, é possível perceber que se as pessoas falam o que falam, é, portanto, uma questão de linguagem. Marx procura mostrar através de seu pensamento que existe um uso da linguagem é uma forma de legitimação de uma dominação de classe, seguindo essa lógica a linguagem não é imparcial, neutra, nem no âmbito da política nem na sociedade. Há então, uma camuflagem que faz com que as coisas ganhem outros sentidos dependendo de onde a classe dominante quer chegar.

Há um discurso de evolução do crescimento monetário em detrimento do esforço pelo trabalho onde o trabalhador deve se esforçar ao máximo para obter uma condição de ascensão e melhora na situação financeira e condição de vida. Mas é nítido que esse é um discurso falseador que tenta mascarar a dominação e inferir de modo inconsciente de que os trabalhadores possuem a necessidade de trabalhar para seu sustento e de suas famílias e quem dá essas condições é a burguesia que desempenha ideologicamente o papel fundamental ao dar oportunidade de crescimento para o trabalhador e nesses moldes não deve ser objeto de questionamento.

Os discursos professos pela burguesia são tão fervorosos que os próprios trabalhadores despertam em si mesmos o interesse em ser como eles são e deixam de lado a luta por uma melhora e por seus direitos. A linguagem se mostra então um elemento fundamental, mas que da abertura a um mascaramento da realidade por meio de um discurso onde infere que há sim uma melhoria da situação de vida da população e melhoras nas condições. Essa forma de dominação se concretiza com mais eficácia a

medida em se camufla a realidade por meio da linguagem que na perspectiva de Rousseu é uma prerrogativa humana e faz parte dessa natureza é o que vai diferenciar o homem dos demais animais e todo o restante. De modo semelhante Marx em “A ideologia Alemã” diferencia os animais dos seres humanos através da consciência:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem sua própria vida material. (1998, p. 10-11)

Desse modo o Homem diferencia dos demais seres sendo capaz de através da linguagem e retórica persuadir o outro e mesmo proferir discursos dominantes. Pela razão, consciência, produz seus meios de existência física dos mesmos e diferencia-se através do uso da linguagem. Por meio da leitura de um livro o homem é capaz de viajar a outros países, conhecer novas formas de interpretação através do pensamento por possuir discernimento.

Os próprios seres humanos se deixam enganar pelo inconsciente que ser mais ativo que o próprio consciente. São muitas as práticas que exercemos no mundo em que vivemos de modo inconsciente e nos leva a praticar ações que não precisamos atos falhos que produzem em nós consequências que nem esperamos. Um exemplo claro são as propagandas que nos induzem a comprar coisas desnecessárias, nos influenciam a fazer o que a maioria faz, as propagandas nos influenciam e muito na tomada de decisão em relação a muitas coisas, ao estabelecer o que é ou não o melhor.

Desse modo, é possível identificar que os anseios da maioria da sociedade agem sobre nosso corpo, sobre nosso intelecto, sobre o mais íntimo de nosso ser, a ponto de nós nos sentirmos obrigados a cumprir os preceitos e regras desta. Nos anos iniciais a criança vai para a escola com o intuito de formatar seu corpo e seu intelecto, nesse ambiente espera-se êxito no aprendizado de proficiências como matemática, física, História, geografia, dessa maneira a criança irá absorver o que é correto e o que não é correto fazer e não causará prejuízos a sociedade.

É através da linguagem que o indivíduo absorve e filtra o que é determinado em sociedade por convenção, aquilo que é visto como reprovável e ruim aos seus interesses. Está aí evidenciado essa forma mascarada de ideologia onde tudo que possa prejudicar a sociedade dominante é retirado e isso se estabelece em detrimento do uso da linguagem que é a principal ferramenta usada em sociedade. O ser humano é detentor de pulsões e

instintos e esses, estão cuidadosamente manipulados, seja no meio social, que determina o que lhe convém por meio das ações, ou mesmo através dos meios de comunicação.

Assim sendo, a linguagem se mostra um instrumento muito poderoso, que justificará as pulsões defronte a sociedade e ainda justificará as repressões da sociedade frente às ações que cada indivíduo desempenha nesse meio social. A linguagem possui duas faces sendo elas: a individual e a social onde o indivíduo pode demonstrar suas paixões, e a sociedade demonstra-lhe o controle por meio da repressão.

5 - A CRÍTICA DA ALIENAÇÃO

5.1 - ALIENAÇÃO INDIVIDUAL

A terminologia “Alienação” faz parte da vida do ser em seu vocabulário cotidiano. Quando a pessoa geralmente está desconectada de sua realidade vivente geralmente diz-se que se trata de uma pessoa “alienada”. Assim sendo essa é apenas um dos sentidos possíveis do conceito de alienação, o qual, etimologicamente, demonstra-se uma aproximação à noção de alteridade e afastamento.

A auto-alienação consiste na alienação da própria atividade dentro do contexto trabalho onde o trabalhador exerce sua função não pertencendo mais a si mesmo, mas ao outro. O ser em seu ambiente de trabalho fica reprimido impossibilitado de manifestar o que acha correto ou não, impossibilidade de ser um ser pensante. Encontra-se envolto em um clima de sofrimento, impotência, hostilidade onde descredita suas caracterizações passando a exercer função de mero fazedor de coisas. O desejo do empregador é que o máximo seja explorado igualando o nível entre o operário e a máquina. O trabalho torna-se modo de subsistência e alienação do homem, ou trabalhador aceita ou abdica de sua própria existência.

A alienação no sentido do desapossamento, do alheamento e da opressão por uma alteridade é acompanhada de: uma inversão dos meios e dos fins, já que o trabalho, em vez de ser a atividade pela qual se atualizam as potências genéricas, é reduzido a meio de satisfazer as necessidades mais elementares (como meio de sobreviver por intermédio do salário). (DUMÉNIL, 2011, p. 149).

Marx procura soluções para sanar esse sistema solipsista onde o indivíduo deve superar e procurar evoluir sair dessa condição de exploração. Desse modo os trabalhadores devem ser igualados e possam evoluir socialmente.

Através do trabalho o operário recebe as condições necessárias para essa execução e se torna dependente do mesmo para garantia de sua sobrevivência deixando de ser primeiramente sujeito físico, mas sim um trabalhador, isto é, objeto de seu trabalho o que o deixa desmotivado e insatisfeito em meio ao ambiente onde o trabalho é realizado. Tido isso é parte de um sistema de violência que está envolto através de meios que maquam esse modo de exploração via trabalho. Há uma camuflagem por

parte do empregador mantendo imperceptível essa dominação. Surgem com isso frases do tipo “o trabalho edifica o Homem”, “o trabalho far-te-á enriquecer” ou “faça economias que você terá condições de adquirir mais bens no futuro”. Jargões como esses segundo Marx:

[...] a economia política, apesar de sua aparência mundana e prazerosa, é uma verdadeira ciência moral, a mais moral das ciências. A auto renúncia à vida e a todo o carecimento humano é seu dogma fundamental. Quanto menos comas, bebas, quanto menos livros compres, quanto menos vás ao teatro, ao baile, à taverna, quanto menos penses, ames, teorizes, cantes, pintes, esgrimes, etc., tanto mais poupas, tanto maior se torna teu tesouro, que nem traças nem poeira devoram, teu capital. Quanto menos és, quanto menos exteriorizas tua vida, tanto mais tens, tanto maior é a tua vida alienada e tanto mais armazenas da tua essência alienada. (MARX, 1978, p.18)

Essa crítica de Marx ao sistema capitalista e a linguagem como meio de manipular mostra que o indivíduo encontra-se em um emaranhado de ideologias que o mesmo segue e nem mesmo é capaz de obter conhecimento de que está sendo explorado. A lógica do burguês é que a relação deve se manter estando eles em uma posição elevada podendo desfrutar de regalias enquanto a classe dos trabalhadores deve aceitar o que lhes é ofertado o mínimo para subsistência.

Na obra de Marx o “Trabalho Alienado, Propriedade Privada e Comunismo” procura mostrar a contradição em que o trabalhador vive:

[...]quanto mais valores ele cria tanto mais desvalorizado e indigno se torna, em que quanto mais formado o seu produto mais deformado o operário, em que quanto mais civilizado o seu objeto tanto mais bárbaro o operário, em que quanto mais poderoso o trabalho tanto mais impotente o operário, em que quanto mais pleno de espírito o trabalho tanto mais sem espírito e servo da Natureza se torna o operário. (MARX, 2012, p.97)

O trabalhador adquire posição de objeto, passa a adquirir valor de mercadoria. O que ele produz é que é objeto de valor por gerar o lucro tornando o trabalhador uma máquina que só se presta a gerar lucro não tendo potência como o produtor, mas parte do processo.

O humano deixa de ser sujeito de suas próprias escolhas perde o estado de consciência e mesmo sua essência enquanto humano, e vira um fazedor de coisas equiparando-se a máquina que possui função de produção para suprir as necessidades dos outros muitas das vezes não tendo a menos condição de usufruir de tais com o mínimo que recebe em troca de sua produção. Essa auto-alienação coisifica o ser a condição de objeto ao qual o patrão usa para realização de suas necessidades provocando consequências danosas a vida do mesmo que adquire apenas o posto de produtor de mercadorias sem o mínimo de direitos a ele reservados.

Quanto mais o trabalhador desempenha sua função mais o trabalho exige de si o cumprimento dessas, no entanto quem lucra é o burguês que goza dos frutos da explorado por eles mesmos a essa classe desfavorecida que é o proletariado despojado de satisfação e inteligência se tornando cego adiante das condições que lhe são impostas.

5.2 – ALIENAÇÃO EM MEIO SOCIAL

Diante da possibilidade dos sentidos aos quais se pode aplicar o conceito de Alienação podemos relacioná-los, mas certamente há uma necessidade de uma complementação já que a primeira conceituação não dá conta. Falar do estado de consciência de um indivíduo implica em falar que esta mesmo encontra-se alienado pelo simples fato de não estar associado aos processos dos quais sua vida depende e das relações em que a mesma está implicada, o ser é autor e membro da sociedade em que se insere, mas não possui inteiramente poder de controle sobre essa, sendo na maior parte das vezes controlado pelas regras internas da então sociedade. O indivíduo encontra-se em total desconexão com a realidade em si, podendo estar de certo modo delgado nesse sentido completamente alienado.

Os indivíduos são frutos de suas relações em sociedade estabelecendo relações uns com os outros. No mundo trabalho é fundamental estabelecer a reunião de comuns para consequentemente estabelecer produção em cooperação entre os membros, segundo Duménil:

Marx pode concluir enfim que o trabalho alienado significa também uma perda das condições da relação vital e cooperativa com o outro ou, em outras palavras, o trabalho alienado redundando em relações interindividuais marcadas pela redução do outro a um estranho e na substituição da cooperação com o outro por relações de instrumentalização recíprocas (DUMÉNIL, 2011, p. 150).

Os trabalhadores perdem sua essência e passam a ver os iguais como também produtos da relação dentro modo de produção do trabalho onde o que lhe é ofertado é exercer sua função, os igualando a máquinas. Alienação está expressa em si e na sua relação com o outro desumanizando o trabalhador. Tudo que é produzido tem a mesma função de suprir as necessidades da propriedade privada com função de gerar lucro sendo a única a lucrar possui a regalia de estabelecer o valor a ser pago aos trabalhadores por sua mão de obra o que certamente supre o mínimo essencial. Marx

crítica a alienação com relação ao outro dizendo que somos seres sociáveis. Assim Marx (1978) nos diz:

O caráter social é, pois, o caráter geral de todo o movimento; assim também ela é produzida por ele. A atividade e o gozo também são sociais, tanto em seu modo de existência, como em seu conteúdo; atividade social e gozo social. A essência humana da natureza não existe senão para o homem, como modo de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência humano. (MARX, 1978, p.9)

De modo oposto o sistema capitalista influencia o ser humano a alienar o outro, tratando-o como subproduto, máquina ou como objeto. Para Marx o ser Humano deve viver em socialmente englobado na sociedade, mantendo um relacionamento cooperativo de reciprocidade com o outro. Sugere como forma de resolução para esse problema a extinção da propriedade privada já que o importante é a relação que se estabelece um com o outro e com a natureza que seria a parte mediadora das relações entre os seres.

A crítica de Marx ao sistema capitalista opressor está no fato de que esse sistema vê o trabalhador como uma parte integrante do processo capaz de produzir e só. O trabalhador conseqüentemente se vê preso as amarras do capitalismo vivendo tão somente para produção e satisfação do patrão com sua força de trabalho de maneira a gerar o lucro em troca de salário que o prende a esse sistema manipulador. O que resta ao trabalhador é aceitar ou nem mesmo o mínimo a subsistência terá. Marx (2012) nos afirma:

Vemos por isso também que salário e propriedade privada são idênticos: porque o salário – onde o produto, o objeto do trabalho, paga o próprio trabalho – é apenas uma consequência necessária da alienação do trabalho, bem como porque no salário o trabalho também não aparece como autofinalidade, mas como servidor do salário. (MARX, 2012, p.105).

Ideais de solidariedade e tolerância entre a parte alienada e a alienação em si são transmitidos e influenciados para que o trabalhador não adquira sentimento de insatisfação e venha a revoltar contra a burguesia.

Nesse sentido nos ensina Duménil:

A Sociologia do trabalho explicou como o fato de uma relação de dominação se inserir na própria atividade individual pode induzir uma modificação da relação geral com a dominação social, ou mesmo das formas de servidão voluntária. (DUMÉNIL, 2011, p. 151).

O individuo oprimido é levado a não refletir para que não possa estabelecer consenso, isto é tomar consciência da exploração que sofre via opressão por meio do trabalho ficado sem caminhos para reagir completamente deixado em ambiente que reforce que essa opressão é necessária não deixando que se produza o sentimento de mudança no oprimido.

A principal preocupação de Marx é a libertação do homem dessa opressão via exploração do trabalho que corrói e desgasta a individualidade do trabalhador oprimindo o mesmo deixando-o em condições degradantes e desumanas, visto como coisa. Ai está evidenciado o motivo pelo qual Marx demoniza tal sistema e da exploração sofrida ao operário diante da divisão social do trabalho. Nesse sistema o trabalhador é objeto de uso para gerar lucro acompanhando o espaço/tempo da máquina ao desempenhar suas funções e segundo Marx só seria possível sair dessas condições de maneira revolucionária por parte dos operários.

Ao tratar do indivíduo comum em sociedade, na contemporaneidade nos deparamos com certa complexidade, boa parte dos membros da sociedade não estão muito preocupados em saber como a sociedade se organiza se essa organização tem afecção em sua existência. Grande parte só se importa com o que diz respeito a si próprio, sua própria vida pessoal. O que é importante é a resolução de seus próprios problemas pessoais e imediatos o que não lhe diz respeito pouco importa.

Todavia, mesmo que haja indivíduos interessados em explorar e o obter o conhecimento de suas relações questionando suas posições no meio social, encontram barreiras, privações que obstaculizam a elaboração de atitudes que deem meios para que a totalidade dos membros da sociedade possam colocar na prática os conhecimentos adquiridos.

Trata-se de uma alienação totalizante onde a sociedade onde seus membros estão subjetivamente alienados é primordialmente alienada como um todo. Nesse meio raciocinar dissocia-se de colocar em pratica, isto é, pensar encontra-se desse modo objetivo dissociado de agir.

Contudo fica claro que não há questionamentos dos valores e dos fins que regem a vida em sociedade, não há esclarecimento dos indivíduos englobados e de suas funções desempenhadas. Somente uma parcela fracionada dessa sociedade adquire essa percepção e os espaços onde se dão a transformação na pratica desses questionamentos de cunho universal, são espaços particulares ou mesmo privados e expressos pelo conceito da divisão social do trabalho e conseqüentemente a alienação por parte dessa produção.

5.3 - PRODUÇÃO ALIENADA

Há uma conseqüente reflexão da alienação social diante da alienação da produção material. Primeiramente é preciso perceber que não é fácil ter clareza da alienação via produção já que produção alienada é algo complicado de se entender. No processo de divisão do trabalho existem relações complexas entre quem produz e quem detém o controle desse modo de produção.

Embora seja difícil conceituar um segundo sentido para se falar de produção alienada esse nos é mais fácil de ser compreendido, já que nessa sociedade nem mesmo os detentores do modo de e controle de produção podem administrá-la conforme suas vontades e desejos. Por mais que haja discussões a respeito do modo como é feita a organização da produção sempre ficará de lado algo que uma parte da discussão sendo esse algo o lucro. É o ponto cego para a grande maioria dos processos produtivos que desencadeiam o processo de produção de bens e serviços necessários e à subsistência em meio a essa sociedade. Para uma empresa o lucro é a premissa essencial de seu funcionamento, para que exista a empresa o lucro deve existir, sem ele não há produção e conseqüentemente não há empresa.

Segundo essa lógica mesmo que haja aquele que desempenha a função de organização do trabalho não pode fazer a seu bel prazer, da maneira como entende que seja a melhor no seu entendimento, mas deve organizá-lo de maneira a produzir riqueza, isto é, lucro. Mesmo que posso produzir condições adversas e mesmo destruição do meio ambiente, intensificação do trabalho e produção ou ate mesmo redução do nível de qualidade do produto.

Desse modo, desempenhar a função de controle sobre o trabalho é de certo modo limitado, a produção é comandada por aqueles cujo trabalho e função é comandá-la, mas tendo consciência de sua limitação. A partir de determinado ponto que seria onde entra o lucro e que faz com que o indivíduo se molde e adeque-se a esse processo automático, o ser se torna parte do processo, indivíduo como um todo em meio à sociedade e ate mesmo o meio em que se vive. O problema está evidenciado no fato de que interesses são decididos por certa parcela da sociedade, mas dizem respeito a um todo.

A propriedade privada está intimamente ligada à origem das diversas formas de alienação em meio social. O trabalhador enquanto membro desse processo exerce sua

função e conseqüente recebe uma função de poder em relação ao que produz e produto do seu trabalho. Há ainda que se falar da relação do que é produzido com o mundo que desempenham poder e valor que são embutidos em si mesmos. O ser genérico se aliena via trabalho na natureza da qual ele mesmo é membro, vejamos os dizeres de Duménil:

O homem é um ser genérico, não porque faz do gênero, tanto o seu próprio quanto o dos outros, seu objeto na prática e na teoria, mas também – e essa é outra maneira de dizer a mesma coisa – porque se comporta em relação a si próprio como em relação a um gênero presente e vivo, a uma essência universal, e por isso livre. (DUMÉNIL, 2011, p. 145).

O trabalhador passa a fazer parte do processo se colocando no interior da relação do trabalho com o modo de produzir. Passa a relacionar-se com sua própria atribuição enquanto alheia.

O ser humano necessita da natureza para sua permanência e sobrevivência, utiliza a mesma como meio para suprir sua subsistência material, sendo o homem que detém o universal fazendo parte de interação com a natureza e o corpo de organismos existentes na sociedade, já que a natureza não é parte integrante do ser humano, não é o próprio corpo humano. A relação que se estabelece é vital para suprir as necessidades do mesmo. Para Marx o ser humano é o meio qual as relações de produção podem se dar não o fim em si mesmo, tendo em vista que está alienado através do trabalho. Desse modo o ser humano passa a fazer parte do processo de modo alienado:

[...] que o ser genérico do homem, tanto a natureza quanto suas faculdades genéricas intelectuais, é transformado num ser alheio ao homem, rebaixado à categoria de meio de sua existência individual. Por seu intermédio, o homem se aliena de seu próprio corpo, assim como da natureza exterior, assim como de sua essência espiritual, sua essência humana. (DUMÉNIL, 2011, p. 146).

O indivíduo em meio esse processo perde sua essência e passa a tornar-se parte integrante do processo, se aliena de seu próprio ser enquanto presente na natureza através do desempenho de suas funções em meio ao trabalho.

O homem passa alienar-se de sua própria essência enquanto ser genérico e também a alienar-se em relação aos iguais. Assim sendo:

Do fato de que o homem se aliena do produto de seu trabalho, de sua atividade vital, de seu ser genérico, resulta imediatamente que o homem se aliena dos homens. Quando o homem se opõe a si mesmo, opõe-se aos outros homens. O que vale para a relação com seu trabalho, com o produto de seu trabalho e com ele mesmo, vale para a relação do homem com os outros homens, assim com o trabalho e com o objeto do trabalho dos outros homens. (DUMÉNIL, 2011, p. 147).

O ser humano passa a identificar o próximo como meio para produção equivalendo-se a máquinas que são parte âmbito privado e possuem a finalidade de gerar lucro. O lucro seria o mérito que só diz respeito àqueles que detêm a força desse modo de produção. Sendo o explorado uma parte desse processo um meio para

desempenhar a funcionalidade dentro desse processo onde o trabalhador é meio que desempenha sua função e exerce o dever já que não possui alternativa se vê parte desse processo e então cai no solipsismo, já necessita do trabalho e conseqüente salário para manter sua existência. Vê-se preso as amarras daquele que o mantém, o empregador que dá as condições na proporção ideal para deixar o empregado alienado de sua função.

O que expressa melhor como se dá esse processo é o surgimento do modo privado de propriedade que não deixa alternativas ao trabalhador. Dá as condições e supre as necessidades do empregador do burguês que detém as rédeas desse meio de exploração já que são os donos dos meios que são necessários a produção. Diante disso Marx deixa claro nos Manuscritos Econômico-Filosóficos que:

[...] a propriedade privada é apenas a expressão sensível do fato de que o homem se torna objetivo para si e, ao mesmo tempo, se converte bem mais em um objeto estranho e inumano, do fato de que a exteriorização de sua vida é a alienação da sua vida e sua efetivação sua desefetivação, uma efetividade estranha, a superação positiva da propriedade privada, isto é, a apropriação sensível pelo homem e para o homem da essência e da vida humana, do homem objetivo, das obras humanas, não deve ser concebida só no sentido do gozo imediato, exclusivo, no sentido da posse, do ter. (MARX, 1978, p.10).

O homem torna-se um objeto em uma sociedade onde o que se valoriza é a propriedade privada através de uma exploração que se dá de forma maquiada o que se reflete em uma desvalorização do ser enquanto ser. O trabalhador deve voltar a sua essência libertando-se do trabalho explorador e degradante que o coisifica, tornando-o mero fazedor de coisas, instrumento de uso para gerar lucro. O homem por ser um ser racional diferencia-se dos animais, porém o sistema de exploração via trabalho faz com que o homem aos poucos venha perdendo sua consciência, já que o burguês oprime a classe dos trabalhadores, que permanece inerte nada fazendo para mudar o rumo da história de exploração.

O objetivo de quem detém os meios de exploração é manter seus explorados em condições de pacificidade, em indivíduos que não refletem e nem questionam. Nessa lógica, pode explorar de modo satisfatório e manter com eficácia esse quadro de mantendo a classe operária aquém da verdadeira noção de exploração que os mesmos sofrem. Isso só é possível através do advento da propriedade privada que dá os meios para excelência desse processo de exploração via trabalho:

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós. Se bem que a propriedade privada concebe, por sua vez, todas essas efetivações imediatas da posse apenas como meios de subsistência, e a vida, à qual elas servem de meios, é a vida da propriedade privada, o trabalho e a capitalização. (MARX, 1978, p.11).

É através dela da propriedade privada que os seres se desunem com o desejo de possuir cada vez mais propriedade e deter cada vez mais o poder independente do modo como vai ser efetuado o processo de acumulação exploração. O possuir toma conta do ser desqualificando a importância do ser enquanto membro da sociedade passando a ser mero instrumento de acumulação.

A relação entre a interação do trabalho e o resultado que é produzido por esse trabalho pode-se inferir a alienação com relação à coisa, se dando através propriedade privada, visto que, a sociedade impõe que a produção resultante do processo de trabalho não pertence ao trabalhador, mas ao patrão que detém os meios de produção. Desse modo a produção escapa ao controle dos operários e cria uma autonomia. O objeto escapa ao seu produtor que perde a posse e se torna alheio ao objeto. Uma maneira a qual pode ser vista essa alienação é a seguinte:

[...] eles se transformam em potência hostil na medida em que o movimento autônomo da riqueza é a causa do empobrecimento do operário, ou mesmo de diferentes formas de “enfermidade”, “embrutecimento” e “cretinismo” (alienação como dominação do produto sobre o produtor). Do mesmo modo que o conjunto do mundo social, resultado da transformação da natureza pelo trabalho, torna-se um mundo alheio e hostil, a natureza exterior vem a constituir-se como uma forma de objetividade alienada, na medida em que deixa de aparecer como um meio de satisfazer necessidades e interesses pelo trabalho e torna-se símbolo das limitações técnicas e sociais do trabalho. (DUMÉNIL, 2011, p. 148).

O trabalhador passa a estranhar o objeto que ele mesmo produz, passa pelo chamado estranhamento, isto é, “O criador estranha a criação”. Parte-se então da ideia de que o produto passa a ter vida própria, alheia-se ao trabalhador que deu as condições para que o mesmo pudesse tomar a forma que tomou, há um desmembramento. Assim sendo, o objeto passa a ter uma objetivação por parte de quem o cria tendo maior importância até mesmo que o ser humano, ganha em si uma importância brutal que o coloca aquém de mero objeto e possuidor de característica que o humaniza, daí a terminologia do Fetichismo da mercadoria. Seguindo o pensamento de Marx reforça-se em sua obra: “Trabalho Alienado, Propriedade Privada e Comunismo” que:

O operário põe a sua vida no objeto; porém, então, ela já não lhe pertence, mas ao objeto. Portanto, quanto maior é esta atividade, tanto mais privado de objeto fica o operário. O que o produto do seu trabalho é, ele não é. Quanto maior, portanto, é esse produto tanto menos ele próprio é. O desapossamento do operário no seu produto tem o significado não só de que o seu trabalho se torna objeto, uma existência exterior, mas também de que ele existe fora dele, independente e estranho a ele e se torna um poder autônomo frente a ele, de que a vida, que ele emprestou ao objeto, o enfrenta de modo estranho e hostil. (MARX, 2012, p.96).

Na relação entre quem produz e o que é produzido fica clara a desvalorização do indivíduo frente ao objeto que é produzido, tornando-o mero meio, deixando de ser

um fim em si mesmo. É sem dúvida um meio de exploração com funcionalidade de gerar cada vez mais lucro. Se não for capaz de desempenhar com exatidão o que lhe é imposto o mesmo é suplantado, sua utilidade é, portanto produção. Há uma íntima relação entre produção e utilidade do mesmo, se não for capaz de produzir não é em consequência útil.

As consequências logo aparecem fazendo com que o trabalho se torne uma tarefa árdua até mesmo um fardo que o trabalhador tem que carregar diante da insatisfação tendo em vista que quando mais trabalha mais necessidades possui já que o lucro serve apenas para suprir necessidades de quem detém a produção. O lugar onde o indivíduo trabalha passa a adquirir características de cárcere onde o mesmo necessita permanecer, já que as cobranças também permanecem com metas a serem cumpridas. Quanto mais se produz menos acesso a esses bens o proletário possui. Segundo Marx:

A realização do trabalho aparece a tal ponto como desrealização que o operário é desrealizado até à morte pela fome. A objetivação aparece a tal ponto como perda do objeto que o operário é privado dos objetos mais necessários não da vida como também dos objetos de trabalho. Sim, o próprio trabalho torna-se objeto, do qual o operário só pode apoderar-se com o máximo esforço e com as mais irregulares interrupções. A apropriação do objeto aparece a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o operário produz tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob a dominação do seu produto, do capital. (MARX, 2012, p.95).

O sentimento que toma conta do trabalhador é a angústia interior existencial vivenciada em seu local de produção do trabalho, vindo tornar-se um ser não realizado, mas escravizado pelas circunstâncias impostas na exteriorização da exploração sensível no ambiente hostil onde o trabalhador é explorado. O trabalhador adquire um sentimento de vigília por parte do patrão que o mantém refém de seu controle, sendo observado e jugado o tempo todo. Sartre explica essa relação em “O Ser e o Nada” onde o ser sente vergonha: “A vergonha é, por natureza, reconhecimento. Reconheço que sou como o outro me vê.” (SARTRE, 1997, p. 290) e quando ele diz: “é como objeto que apareço ao outro.” (SARTRE, 1997, p. 290)

Na visão marxista essa desvalorização do trabalhador possui um caráter completamente contrário a sua política econômica onde se devem examinar as expressões que desencadeiam a divisão social do trabalho, adequando o trabalhador a sua função não o tratando como máquina ou mesmo como parte da mercadoria. É necessária na visão de Marx uma aceitação de que o trabalho trás sim um entrelaçamento do operário frente ao que produz objetivando o homem, fazendo com que torne parte do processo mera mercadoria com ênfase no lucro e descredito do ser enquanto ser humano.

As condições que o trabalhador presencia na sua labuta forçadamente um clima de hostilidade faz com que consequentemente o mesmo também se torne hostil eliminando a humanidade do homem. Na obra compreender Marx, o autor afirma que há desumanização que ocorre com o Homem em seu trabalho:

Se o trabalho é aquilo que pertence propriamente ao gênero humano, se é aquilo pelo que ele manifesta sua humanidade diante do conjunto do mundo natural, se ele se afirma pela “atividade trabalhante”, poder-se-ia dizer na linguagem de Hegel, então o trabalho alienado, trabalho forçado, esvazia o trabalhador de sua humanidade. (COLLIN, 2008, p. 55).

Assim sendo o trabalho passa a ser um sacrifício que causa sofrimento e desmotiva, pois o trabalhador se vê desvalorizado enquanto produz seu trabalho, já que o que importa é o lucro advindo dessa mercadoria e não a vida e satisfação do operariado.

6- A RESPEITO DA SOCIEDADE MODERNA

Com o advento da modernidade surge a racionalização e subjetivação destacando as teorias de Marx que são reafirmam o ponto mais alto de racionalização para o então momento histórico onde os sujeitos são colocados como arte de um processo na sua realização e efetivação dentro do sistema

Os pressupostos teóricos de Marx mostra o homem envolto em sua existência em sociedade como sendo um ser dentro de um processo histórico e social nesse processo há conflitos e luta de contrários. O homem para Marx é um ser histórico. São as relações sociais de produção que determinam modo de ser, pensar e agir, isto é, da ação concreta do ser humano em sociedade em um modo de produção materialista da realidade concreta em meio às transformações ocorridas no desenrolar da história. Há uma relação entre quem produz e os meios empregados na produção com ênfase nas relações sociais ali empregadas.

Não são os seres que mudam o rumo da história, mas sim as circunstâncias que lhes são impostas em cada momento desse processo contínuo. A crítica mais fiel de Marx é modo de produção capitalista onde o trabalhador desempenha sua função em processo marcado pela exploração do mesmo em detrimento da riqueza que o mesmo produz a seu patrão. Segundo Marx: (1981b,v. 3, p. 927). MARX, K. Capital. Harmondsworth: Penguin, 1981b. 3v.

A forma específica na qual o trabalho excedente não pago é extraído dos produtores diretos determina a relação de dominação e servidão... ela é determinada diretamente pela produção e, por sua vez, atua sobre ela como um de seus determinantes... É sempre na relação direta entre os donos dos meios de produção e os produtores imediatos... que encontramos o segredo, a base oculta de todo o edifício social. (Marx, 1981b,v. 3, p. 927).

Evidencia-se nessa máxima de Marx o caráter da exploração que se extrai do trabalhador enquanto produtor dos meios que geram o que é mais vantajoso ao patrão o lucro, a mais valia gerada nesse processo de degradação da vida do trabalhador.

Os trabalhadores são formalmente livres, mas sistematicamente envoltos em um processo de exploração vendem suas capacidades de produção no trabalho, estão alienados e ideologicamente presos em um processo de modo de produção capitalista

guiado pelo valor através de correspondências entre as necessidades da sociedade a serem supridas e o que é produzido para suprir tais necessidades.

Essa alienação via exploração do trabalhador é um fenômeno que se manifesta de maneira não transparente, já que, as benesses do trabalho não vão para o trabalhador, mas sim para o patrão. Há um distanciamento em usufruir dos benefícios em detrimento do trabalho, distanciamento entre o objeto e o sujeito que produz sendo simplesmente parte do processo vivendo tão somente para suprir necessidades nesse momento o sujeito criador é negado e o trabalhador se mostra alienado em processo de coisificação.

O objetivo do patrão é o lucro e esse é sintoma de exploração o que diferencia são os modos de apropriação do excedente dentro do trabalho. Um dos ideais do Iluminismo era uma maior emancipação humana e possível desenvolvimento da ciência objetiva, moralidade, arte autônoma e nas leis universais do ser subjetivo. Lutero contribui para emancipação desse sujeito individual dando a ele capacidade de autonomia e escolha de seu destino através da separação entre dois pilares o da Filosofia que anseia pela razão e a teologia que se funda na fé.

Segundo Habermas é no século XVIII que se dá início ao projeto da modernidade. Apesar da mesma temos uma noção de uma nova compreensão no espaço temporal com suas peculiaridades e concepções. Segundo o autor é possível apreender concepções do mundo na modernidade mediante a valorização dos elementos da subjetividade e racionalização no processo onde parâmetros são definidos, os quais sejam cognitivos, políticos sociais ou mesmo culturais.

Diante dessa compreensão Habermas nos mostra que o advento da modernidade é um momento do pensamento humano em uma sociedade racionalizada, burocrática onde o sujeito é um ser sem partido, fragmentado que em alguns momentos afasta-se da essência mediante as coisas as quais ele deve enfrentar. Habermas identifica a ação racional com respeito a fins que pode ser evidenciado correspondendo ao conceito de Marx em relação ao trabalho. Diante disso, a racionalidade mostra-se um instrumento que possui finalidade de manter o controle dos meios para efetivar a dominação da natureza.

Habermas vê a modernidade como algo inacabado, nos fala em sua filosofia sobre a ciência e a técnica com um projeto emancipatório da realidade moderna por meio da teoria da ação comunicativa. Essa é uma questão importante para Habermas com o desafio de esclarecer se o processo de racionalização na sociedade na modernidade possui fundamento que permita uma emancipação humana.

O filósofo nos afirma como adveio o sistema positivista: a indústria, as forças militares, a administração econômica e o governo político. A ciência e a técnica são as principais forças produtivas da atualidade. Desta forma o primeiro alvo da teoria crítica deve ser o positivismo. Embora Habermas concorde com Horkheimer quando ele afirma que o papel da teoria crítica é examinar a ideologia, ele também acha que a teoria crítica deve animar a luta política capaz de revolucionar o existente e nos libertar da opressão do poder sistêmico.

O advento da modernidade se mostra como um agregado de processo que vão se reforçarem mutuamente em um momento de transição do novo a partir da compreensão do passado é possível superá-lo e compreender a modernidade atual e suas atribuições futuras, visto que as orientações que permeiam a modernidade não podem mais buscar fundamento no passado.

A modernidade define-se então por processos que se acumulam no decorrer do processo histórico com uma projeção, mas sempre tendo em vista tratar-se de um processo inconcluso. O objetivo de sua teoria é um processo livre de dominação nas configurações que regem a sociedade com a tentativa de uma emancipação. A questão da subjetividade na sociedade moderna parte de um sujeito singular frente às regras que são as razões de cunho normativo, nos diz que, (HABERMAS, 2003,p.17):

Isto tornou possível referir a razão prática à felicidade, entendida de modo individualista e à autonomia do indivíduo, moralmente agudizada – à liberdade do homem tido como um sujeito privado, que também pode assumir os papéis de um membro da sociedade civil, do Estado e do mundo. No papel de cidadão do mundo, o indivíduo confunde-se com o do homem em geral – passando a ser simultaneamente um eu singular e geral. (HABERMAS, 2003, v. 1, p. 17).

É em meio às regras que o indivíduo busca soluções para os problemas enfrentados e desencadeados dentro de uma comunidade. Assim sendo (HABERMAS, 2003, p. 17):“a filosofia prática da modernidade parte da ideia de que os indivíduos pertencem à sociedade como os membros a uma coletividade ou como as partes a um todo que se constitui através da ligação de suas partes”. Os indivíduos estão segundo ele envolvidos em um processo onde cada membro tem que seguir a normatividade que se estabelece para guiar o indivíduo em sociedade.

O autor possui um projeto de restaurar o paradigma da universalidade para a racionalidade crítica e ao mesmo tempo tenta limpar a tradição crítica de seu elitismo. Habermas retornou aos conceitos chave da estratégia original de Marx que são as forças produtivas, relações de produção e assim por diante.

O marco do Iluminismo está no desenvolvimento do progresso desencadeado a partir da razão com a intencionalidade de romper com o pensamento existente tradicional que prevalecia até então. Só foi possível essa transformação a partir da desmitificação, libertando os humanos de seus grilhões. Com essa desmitificação houve uma cisão com a religião, com o mito, com a superstição enfim com as sombras humanas. Com esse advento passa-se a desenvolver novas formas de desenvolvimento de formas racionais de se viver e uma conseqüente evolução nas formas de pensar da sociedade.

Com essas transformações e desenvolvimento humano, surge no homem a crença de que os todos os membros passam a se tornarem mais livres e racionais. Segundo Harvey:

Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão universal. (HARVEY, 1989, p.23).

Toda essa mudança é vista sob a perspectiva de Harvey como otimista e promissora permitindo avanços não só libertação humana, mas desenvolvimento da ciência e atenção para questões como justiça e moralidade. Muitos teóricos da época como Adorno, Horkheimer creditavam tais prerrogativas ao advento da Revolução Francesa por possuir cunho transformador na qualidade de vida dos cidadãos com a garantia de transformações. O geógrafo Harvey tomando como base a tese dos autores anteriormente mencionados na obra “Dialética do Esclarecimento”, parafraseando nos dá uma visão mais simplificada:

[...] com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há a suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca de emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. (HARVEY, 1989, p.23).

Harvey procura nos mostrar que alguns teóricos apoiavam ainda as ideias iluministas, no entanto, havia aqueles que descreditavam esses ideais. Um deles é Habermas que limita a questão das criações iluministas no âmbito econômico, social e político na contemporaneidade, mas dá seu apoio ao ideal Iluminista. Entretanto, existem alguns autores que defendem que para que haja uma real emancipação humana

é fundamental e primordial o rompimento com os ideais Iluministas. Harvey procura argumentar de modo perspicaz a respeito do pensador Karl Marx mostrando que:

Marx, que em muitos aspectos era filho do pensamento iluminista, buscou transformar o pensamento utópico – a luta para os seres humanos realizarem sua “natureza específica”, como ele dizia em suas primeiras obras – numa ciência materialista ao mostrar que a emancipação humana universal poderia emergir da lógica classista e evidentemente repressiva, embora contraditória, do desenvolvimento capitalista. Ao fazê-lo, concentrou-se na classe trabalhadora como agente da libertação e da emancipação humana precisamente por ser ela a classe dominada da moderna sociedade capitalista. Só quando os produtores diretos tivessem o controle do seu próprio destino, argumentava ele, poderíamos alimentar as esperanças de substituir o domínio e a repressão por um reino de liberdade social. Mas se “o reino da liberdade só começa quando o reino da necessidade é superado”, então o lado progressista da história burguesa (em particular a sua criação de enormes forças produtivas) tinha de ser plenamente reconhecido, e os resultados positivos da racionalidade iluminista, plenamente apropriados. (HARVEY, 1989, p.24).

São vários os críticos da modernidade e suas prerrogativas, dentre eles Nietzsche, segundo o mesmo aquele que segue vive em um emaranhado de desordem, anarquia, alienação e ausência de tranquilidade vivendo em um mar desespero. Max Weber também critica o projeto da modernidade reforçando o pensamento de Nietzsche ao afirmar que os ideais iluministas não passam de ilusão onde os indivíduos comungam de projetos que em nada acarretarão. Outro pensador que reafirma esse pensamento desmotivado em relação à modernidade é Malthus que toma uma posição contrária ao otimismo do pensamento Iluminista afirmando que não é possível desvencilhar daquilo que não pode de modo algum ser tido como livre, isto é sempre vai haver alguma privação.

Com o advento da segunda Guerra chamada por Gertrude Stein e Schumpeter de destruição criativa, e o princípio do século XX, Harvey com suas teorias procura mostrar como a estética e a arquitetura passara por transformações.

Para Nietzsche a estética está além do bem e do mal. David Harvey usa a filosofia de Nietzsche quando ele diz: “a arte e os sentimentos estéticos tinham o poder de ir além do bem e do mal, com efeitos tão devastadores.” (HARVEY, 1989, p. 29). Em uma sociedade moderna o que se estabelecia era uma crença na ideia de que através da mitologia o eterno e o imutável estariam em condição muito mais favorável de se permanecer do que a fragmentação e o caos sistêmico pensamento que reforça sua crítica se propõe influenciar os estudiosos e escritores da época como filósofos, artistas, poetas adeptos da modernidade desvelando uma nova linha de pensamento e modo de agir frente aos acontecimentos da realidade.

Surgem modos de pensar inovados como individualismo e subjetivismo excessivo onde o indivíduo procura estabelecer sua supremacia em detrimento dos demais através da busca pela estética como um fim nela mesmo o que certamente acarreta em consequências futuras como cultura do egoísmo esfacelando a sociedade como um todo tornando cada vez mais expresso o sentimento de indiferença ao outro. Marx critica essas condições já para o mesmo o que importa é associação fundamental já que se trata de seres sociáveis que precisam uns dos outros para se unir em defesa de seus ideais como no caso da classe proletária que luta em prol de seus direitos.

Com o declínio do poder aristocrático, a massa produtora cultural passa a encarar um cenário onde se acirra a competição estético-cultural, onde os artistas se propunham a mudar suas sentenças sobre o que achavam ideal para venda e comercialização de suas obras estéticas. Segundo David Harvey:

Os artistas, apesar de sua predileção por uma retórica antiestablishment e antiburguesa, gastavam muito mais energia lutando entre si e com as suas próprias tradições para vender seus produtos do que o faziam engajando-se na ação política real. (HARVEY, 1989, p. 31).

Para Benjamin a modernidade trás consigo transformações como no caso dos artistas deveriam produzir uma “arte áurica” que precisa de muito mais criatividade e dedicação por parte de quem a produz reflexo do tempo em que vivia em um cenário marcado pela arrogância, individualismo completamente oposto ao modernismo que procura difundir as coisas belas como fundamentais a execução das obras de arte e estética.

Diante de todos esses acontecimentos a arte passou a perder sua essência o que leva a decadência a do êxito na produção e comercialização já que as exigências do modo de produção capitalista exige alto nível de produção em uma lógica onde quanto mais se produz maior a probabilidade de obter sucesso nos lucros. O ideal defendido é a conciliação desse sistema e a produção das manufaturas produzidas pelos artesãos, mas também é imposto ao artista o dever de produzir com qualidade e com rapidez o que não ajuda no processo de trabalho dos artesãos.

Harvey chama a atenção para a permanente necessidade das forças capitalistas de programar a circulação da produção, fomentando a teoria do “ajuste espacial” como estratégia para manter a condição desigual entre as economias avançadas e aquelas que são consideradas não avançadas ou mesmo não capitalistas.

David Harvey se coloca como tarefa a elaboração de uma teoria geral das relações espaciais e do desenvolvimento geográfico no modo de produção capitalista, se

propõe mostrar como a dimensão espacial tem sido historicamente apropriada pelo capital e como suas dinâmicas imprimem uma racionalidade que assegure mesmo a parti de suas crises e contradições a produção das condições que favoreçam a acumulação para o modo de produção capitalista.

Arrighi concorda com a ideia de “ajuste espacial” escala temporal mais alargada. Segundo ele, para produção do capitalismo é preciso solução no tempo /espaço para se compreender os ciclos geohistóricos. Ambos contribuem para pensar as transformações no modo de produção capitalista. Arrighi ressalta a importância da produção do espaço na resolução de crises econômicas no capitalismo através da diferença temporal.

O surgimento das máquinas passaram a suprimir o trabalho desenvolvido antes pelo artesão. Até houve uma tentativa de fazer arte redefinindo o modo de produção dos artesãos acelerada, mas a suplantação era cada vez mais evidente. Essa tentativa levou a desenvolver a arte pela arte fruto do sistema vigente na então época.

De modo semelhante aconteceu com os autores que escreviam e publicavam em uma escala gigantesca, como no modo de produção em massa imposto aos artistas da época. A lógica vigente acompanhava um ritmo de mudanças como a invenção da televisão, fotografia e posteriormente o filme permitindo mais acessibilidade às criações artísticas. Harvey procura mostrar essas invenções e mudanças no modo do artesão produzir: “mudaram radicalmente as condições materiais de existência dos artistas e, portanto, seu papel social e político.” (HARVEY, 1989, p. 32)

Com tantas transformações em meados do século XIX e princípio do século XX a vida perante esse modo de produção vigente, o capitalismo surge transformações também na qualidade de vida com uma nova figuração de sofrimento e monotonia consequências da qualidade do trabalho nas fábricas em um ambiente de exploração. O que importava era o que fosse útil às relações do modo de produção vigente. Marx afirma em Manifesto do Partido Comunista (2012): “Rasgou sem compunção todos os diversos laços feudais que prendiam o homem aos seus “superiores naturais” e não deixou entre homem e homem outro vínculo que não o do frio interesse, o do insensível “pagamento em dinheiro”.” (MARX, 2012, p. 187) O dinheiro adquire importância brutal passando a ser o fim e o trabalhador o meio de aquisição deste.

De modo semelhante aconteceu na Segunda Guerra Mundial marcas de utilitarismo, irracionalidade colocando o ser em condição meio para os fins que eram buscados e que mostram a não efetivação da eficácia do sistema Iluminista ao tentar implantar racionalidade e fraternidade, se propõe unir não causam destruição e

sofrimento. Diante de acontecimentos no modernismo no que tange o âmbito da arte e estética da então época mostram as mudanças no tempo/espço que segundo Harvey mostra-nos que: “O modernismo perdeu seu atrativo de antídoto revolucionário para alguma ideologia reacionária e “tradicionalista””.

Com tantas transformações a arte e a alta cultura passaram a ser algo restrito a uma determinada elite que domina e detém poder de aquisição exceto em campos estéticos e que estavam sendo inovados como cinema. Para Harvey:

[...] Pior ainda, parecia que essa arte e essa cultura não podiam senão monumentalizar o poder corporativo ou estatal, ou o “sonho americano”, com mitos auto - referenciais, projetando certo vazio de sensibilidade no lado da formulação de Baudelaire que se apoiava nas aspirações humanas e nas verdades eternas. (HARVEY, 1989, p.44).

Fruto da realidade dessa sociedade moderna, das problemáticas existentes surge movimentos antimodernistas nos anos 60 com rejeição ás opressões no sistema técnico e as mudanças ocasionadas por essas e por isso tantas críticas de estudiosos a esse momento histórico.

7- CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante do assunto desenvolvido no presente trabalho podemos perceber através dos legados de Marx no que tange a questão da alienação que a propriedade privada é identificada como relação onde a burguesia explora e as forças do capital se sobrepõem subjugando a vida humana. O homem acaba por se tornar parte do processo estando ligado ao dono dos meios de produção através de uma forma de dependência. Nessa lógica tudo pertence ao burguês que é quem irá definir os salários sempre visando o lucro onde será gerada a mais-valia e com ela o lucro que enriquece e mantém esse processo.

Para Marx essa lógica de exploração coloca um quadro onde o trabalhador fica aprisionado ao seu patrão, já que, para manter sua subsistência o trabalhador explorado necessita do seu salário e se mantém alienado. Marx identifica o problema e mostra que há uma necessidade de desalienação do trabalhador por meio de reunião e contestação. Essa classe oprimida, os proletários necessitam ganhar consciência e força suficiente para tomar conhecimento das condições em que se encontram.

Podemos identificar na obra *A Ideologia Alemã*, Marx critica a filosofia de Hegel e desenvolve argumentos teóricos de sua concepção materialista da história. Já em o *Manifesto Comunista* parte do movimento operário e socialista como crítica de Marx reconhecendo os antagonismos das classes sociais.

As concepções de Marx nos tempos atuais são perceptíveis, pois sua filosofia designa-se secularizada com um pensamento vivo até os dias atuais com poder de dar sua contribuição e influência a autores como Marcuse, Gramsci, Adorno, Eagleton, Jamenson dentre outros que são interpretes críticos as questões abordadas por Marx. A Modernidade não supera a lógica de dominação do capital por seus meios. Não é possível superar o capitalismo e as formas ideológicas de dominação, sejam advindas da economia, cultura ou arte todas são instrumentos que reafirmam a lógica da mercadoria. A filosofia de Marx possui caráter emancipatório frente a luta de classes postulando

uma crítica da sociedade moderna sem dúvidas sua teoria tem muito a acrescentar ao esclarecer questões pertinentes a cada momento histórico.

Os autores na obra “A Ideologia Alemã” atentam para os pressupostos, sociomateriais, onde fundamentam a base para crítica do idealismo. Contudo, fica claro o interesse abordado na obra “A Ideologia Alemã” se propõe de estabelecer os elementos fundamentais dessa crítica ao idealismo filosófico alemão. Marx e Engels evidenciam a questão da autonomia e conseqüentemente trazem consigo a ilusão de dominação, já que a ideologia é esse instrumento, onde quem possui autonomia intelectual quer de forma camuflada dominar o restante da classe social.

O presente trabalho teve então por finalidade mostrar que para Marx a condição de alienação é intrínseca propriedade privada colocando o homem em uma condição de dependência. Marx e Engels procuram esclarecer as relações sociais e suas contradições e configurações da divisão social do trabalho e conseqüentemente propriedade privada e relações de classes.

Evidenciam assim as determinações dispostas ao longo do tempo e das classes sociais em detrimento da divisão social do trabalho dentro do sistema capitalista onde se identifica as forças produtivas em contradição com tal modo de produção e mesmo transformando a realidade social onde o indivíduo é parte fundamental, um instrumento alienado agindo em sociedade, em forças que se mostram destrutivas voltadas para o interesse privado. Diante de tudo é notório a presença da dominação ideológica no decorrer de toda história da humanidade, sendo essa manifestada de forma mascarada dentro da realidade social permitindo a legitimação da exploração e conseqüentemente dominação tornando os indivíduos meros alienados.

Em virtude do que fora mencionado tanto Gramsci quanto Marx contribuem para se explorar o tema proposto na então pesquisa. Gramsci contribui para pensar a questão da ideologia com um pensamento muito interessante e profundo para atualidade com relação a muitos ideais da teoria marxista.

Mantém alguns pensamentos de Marx e acrescenta outras ideias de modo a manter o conceito de ideologia, contudo, não acredita que seja apenas uma falsa consciência e aprofunda mais a questão da ideologia mostrando-a como necessária já que estamos inseridos em grupos o que é necessário para uma revolução e melhoria da sociedade para formação de uma nova civilização focada em uma reforma moral, intelectual e tendo como base uma nova Filosofia, já que, para Gramsci essa é uma maneira sofisticada de ideologia.

Marx explica que a linguagem é usada com a intenção de uma legitimação onde legitima a continuidade da burguesia numa posição de dominação, porém, isso é algo inconsciente, a burguesia tenta de várias maneiras camuflar e domar o proletário através do discurso do conformismo e da continuidade de cada um na situação em que se encontra.

Seguindo o pensamento filosófico de Marx somos levados a refletir sobre a importância da linguagem, já que, é através dela que pode haver a alienação, a opressão, é em detrimento desse uso da linguagem em um espaço onde a ideologia se torna manifesta. As pessoas possuem costumeiramente a ilusão de acreditar que possam pensar por si próprias, que são donas de si e de suas ações em meio à sociedade, mas, em na prática não é exatamente o que ocorre.

Diante de tudo isso, é perceptível que há uma diferença de pensamento com relação ao pensamento de Marx. Gramsci admite que é possível, mas, esclarece que há uma dificuldade em construir uma visão de mundo autônoma determinada em detrimento da subordinação dos demais membros e fala que com isso há também dificuldade de uma fragmentação dessa construção o que dificulta realizar a hegemonia a partir dessa construção da visão de mundo.

Já, Karl Marx não acredita que a classe trabalhadora possa pensar distintamente e não acredita que a classe trabalhadora possa ter uma ideologia, visto que, o proletário é alienado e influenciado ideologicamente pela classe burguesa e uma forma de superação dessa ideologia empregada à classe dominada seria algo lento e impregnado de uma complexidade brutal, uma vez que, quem domina possui um poder de persuasão e detenção do poder.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS FILHO, Clóvis de; Fernandes Dainezi, Gustavo. **Devaneios Sobre a Atualidade do Capital**. Porto Alegre; CDG Edições e Publicações, ed. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. Editora: Brasiliense. 17º ed. 1984.
- DUMÉNIL, Gérard. **Ler Marx/** Gérard Duménil, Michael Lowy, Emmanuel Renault; tradução Mariana Echalar. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GRAMSCI, Instituto. **Política e História em Gramsci**. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- HABERMAS, Jurgen. **Direito e Democracia: entre faticidade e validade**. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. – São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- MADJORDF, Rosana. **O Empirismo**. Disponível em: <www.mundodosfilosofos.com.br/hobbes.htm>. Acesso em 10 de setembro de 2013.
- MARTINS, Antônio Henrique Campolina Martins. GODINHO, Ariele Augusta. **O Diálogo entre os Direitos Humanos e a sua Fundamentação Filosófica na Teoria Moral de São Tomás de Aquino**. Revista Ética e Filosofia Política-nº15-volume2-dezembro de 2012.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, **A Ideologia Alemã**. São Paulo; Martins Fontes, 1998.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)**. São Paulo, Hucitec, 1984.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Burgueses e proletários**. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Capital**. Harmondsworth: Penguin, 1981b. 3v.
- MARX, Karl. **O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte**. [Tradução e notas Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse] São Paulo: Editora Boitempo, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**: seleção de textos de José Artur Giannotti; traduções de José Carlos Bruni. 2 ed. – São Paulo: Abril Cultural. 1978. (Coleção Os Pensadores).

SOBRAL, Osvaldo José, **Ensaio Sobre o Método de Pesquisa Marxista: Uma Perspectiva do Materialismo Dialético**. Revista científica FacMais, volume II, número I. Ano 2012/2º Semestre.